



# A Santa Sé

---

JOÃO PAULO II

## **AUDIÊNCIA GERAL**

*Quarta-feira 19 de Janeiro de 2000*

*Caríssimos Irmãos e Irmãs,*

1. "Trindade supra-essencial, infinitamente divina e boa, guardiã da sabedoria divina dos cristãos, levai-nos para além de toda a luz e de tudo aquilo que é desconhecido, até ao mais alto vértice das Escrituras místicas, lá onde os mistérios simples, absolutos e incorruptíveis da teologia se revelam nas trevas luminosas do silêncio". Com esta invocação de Dionísio, o Areopagita, teólogo do Oriente (*Teologia mística* I, 1), começamos a percorrer um itinerário árduo, mas fascinante, na contemplação do mistério de Deus. Depois de nos termos detido nos anos passados em cada uma das três Pessoas divinas - o Filho, o Espírito, o Pai - neste ano jubilar propomo-nos abraçar com um único olhar a glória comum dos Três, que são um único Deus "não na unidade de uma só pessoa, ma na Trindade de uma só substância" (*Prefácio da solenidade da Santíssima Trindade*). Esta escolha corresponde à indicação oferecida pela Carta Apostólica *Tertio millennio adveniente*, que põe como objectivo da fase celebrativa do Grande Jubileu "a glorificação da Trindade, da Qual tudo procede e à Qual tudo se dirige no mundo e na história" (n. 55).

2. Ao inspirarmo-nos numa imagem oferecida pelo Livro do Apocalipse (cf. 22, 1), poderíamos comparar este percurso à viagem de um peregrino ao longo das margens do rio de Deus, isto é, da sua presença e revelação na história dos homens.

Hoje, em síntese ideal deste caminho, deter-nos-emos nos dois pontos extremos daquele rio: a sua fonte e o seu estuário, unindo-os entre si num único horizonte. Efectivamente, a Trindade divina está nas próprias origens do ser e da história e está presente na sua meta última. Ela constitui o início e o fim da história da salvação. Entre os dois extremos, o jardim do Éden (cf. *Gn* 2) e a árvore de vida da Jerusalém celeste (cf. *Ap* 22), corre uma longa vicissitude marcada pelas

trevas e pela luz, pelo pecado e pela graça. O pecado afastou-nos do esplendor do paraíso de Deus; a redenção leva-nos à glória de um novo céu e de uma nova terra, onde "não haverá mais morte, nem pranto, nem gritos, nem dor" (*ibidem*, 21, 4).

3. O primeiro olhar sobre este horizonte é oferecido pela página inicial da Sagrada Escritura, que indica o momento em que o poder criador de Deus tira o mundo do nada: "No princípio, Deus criou os céus e a terra" (*Gn* 1, 1). Este olhar aprofunda-se no Novo Testamento, remontando até ao coração da vida divina, quando João, no início do seu Evangelho, proclama: "No princípio já existia o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (*Jo* 1, 1). Antes da criação e como fundamento dela, a revelação faz-nos contemplar o mistério do único Deus na trindade das pessoas: o Pai e o seu Verbo, unidos no Espírito.

O escritor bíblico que escreveu a página da criação não teria podido suspeitar a profundidade deste mistério. Menos ainda era capaz de alcançar a pura reflexão filosófica, uma vez que a Trindade está acima das possibilidades do nosso intelecto, e só pode ser conhecida por revelação.

Contudo, este mistério que infinitamente nos supera é também a realidade mais próxima de nós, porque está nas fontes do nosso ser. Com efeito, em Deus nós "vivemos, nos movemos e existimos" (*Act* 17, 28), e às três Pessoas divinas deve ser aplicado quanto Santo Agostinho diz a respeito de Deus: Ele é "*intimior intimo meo*" (*Conf.* 3, 6, 11). Nas profundidades do nosso ser, aonde nem sequer o nosso olhar consegue chegar, a graça torna presentes o Pai, o Filho e o Espírito Santo, o único Deus em três pessoas. O mistério da Trindade, longe de ser uma árida verdade entregue ao intelecto, é vida que habita em nós e nos sustém.

4. Desta vida trinitária, que precede e fundamenta a criação, recebe os impulsos a nossa contemplação neste ano jubilar. Mistério das origens de onde tudo deriva, Deus aparece-nos como Aquele que é a plenitude do ser e comunica o ser, como luz que "a todo o homem ilumina" (cf. *Jo* 1, 9), como Ser vivo e dador de vida. Aparece-nos sobretudo como Amor, segundo a magnífica definição da Primeira Carta de João (cf. *1 Jo* 4, 8). Ele é amor na sua vida íntima, onde o dinamismo trinitário é precisamente expressão do eterno amor com que o Pai gera o Filho e ambos se doam reciprocamente no Espírito Santo. É amor na relação com o mundo, uma vez que a livre decisão de o tirar do nada é fruto deste amor infinito, que se irradia na esfera da criação. Se os olhos do nosso coração, iluminados pela revelação, se fizerem bastante puros e penetrantes, tornam-se capazes de encontrar na fé este mistério, no qual tudo aquilo que existe tem a sua raiz e o seu fundamento.

5. Mas como me referia no início, o mistério da Trindade está também diante de nós, como o objectivo para o qual a história tende, como a pátria a que anelamos. A nossa reflexão trinitária, seguindo os vários âmbitos da criação e da história, olhará para esta meta que o livro do Apocalipse, com grande eficácia, nos aponta como selo da história.

É esta a segunda e última parte do rio de Deus, que há pouco evocámos. A origem e o fim unem-se na Jerusalém celeste. Com efeito, aparece Deus Pai que está sentado no trono e diz: "Eu renovo todas as coisas" (*Ap* 21. 5). Ao lado d'Ele está presente o Cordeiro, isto é, Cristo, no seu trono, com a sua luz, com o livro da vida que contém os nomes dos remidos (cf. *ibidem*, 21, 23.27; 22, 1.3). E, no final, num diálogo suave e intenso, eis o Espírito que ora em nós e juntamente com a Igreja, a esposa do Cordeiro, diz: "Vem, Senhor Jesus" (cf. *ibidem*, 22, 17.20).

Como conclusão deste primeiro delineamento da nossa longa peregrinação no mistério de Deus, retornamos, então, à oração de Dionísio, o Areopagita, que nos recorda a necessidade da contemplação: "De facto, é no silêncio que se aprendem os segredos destas trevas... que brilha com a luz mais fulgurante, enche de esplendores mais belos da beleza as inteligências que sabem fechar os olhos" (*Teologia mística* I, 1).

## Saudações

*Caríssimos Irmãos e Irmãs!*

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua portuguesa aqui presentes, com votos de paz e de serena alegria em vossos lares. De modo especial desejo saudar *os portugueses* da Paróquia de Cristo-Rei, de Algés-Miraflores: que o Ano jubilar seja fonte de generosa acolhida das graças divinas a benefício da sincera conversão do seu coração e da paz em suas famílias.

Com a minha Bênção Apostólica.

Dirijo agora uma cordial saudação aos peregrinos de língua italiana, em particular aos membros da Arquiconfraria da Misericórdia, de Florença, vindos para fazer benzer a cesta dos "panellini", que serão distribuídos às Autoridades religiosas e civis de Florença, e saúdo também as Sócias do "Soroptimist International" da Itália.

Saúdo, depois, os Jovens, os Doentes e os jovens Casais presentes.

Ontem, abri a Porta Santa da Basílica de São Paulo fora dos Muros, na presença de uma significativa representação de Irmãos de outras Igrejas e Comunidades cristãs, no dia em que é iniciada a anual Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Neste Grande Jubileu, no qual somos convidados a dirigir ao Pai, com fé ainda mais intensa, a oração de Jesus: "Que todos sejam um só" (Jo 17, 11), exorto-vos, caros *jovens*, a tornar-vos apóstolos de diálogo, de escuta e de perdão; peço-vos, queridos *doentes*, que ofereçais os vossos sofrimentos pela unidade de todos os crentes em Cristo; convido-vos, prezados *jovens esposos*, a ser artífices de comunhão a partir das vossas famílias.

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana